

# SIMPÓSIO

## Dignidade da pessoa no desenrolar cultural

Hubert Lepargneur

No Cristianismo, a dignidade da pessoa humana tem raízes dogmáticas que o leitor conhece: o ser humano foi criado por Deus à sua imagem e é destinado à partilha da divindade, mediante a redenção efetuada pelo Verbo Encarnado. Neste contexto religioso o conceito de dignidade está eminentemente atrelado ao conceito de pessoa, teologicamente elaborado por ocasião das discussões em torno do dogma da Trindade, nos primeiros séculos de nossa era; este artigo supõe isso conhecido.

### Hubert Lepargneur

Doutor pela Universidade de Paris; teólogo moralista da Ordem Camiliana; pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Bioética do Centro Universitário São Camilo/SP

*Unitermos: dignidade, pessoa humana, cultura*

### Dignidade entre os antigos gregos

Será a dignidade natural ao homem? Mas o que é natural? Na sua *Política*, Aristóteles justifica a escravidão precisamente por ser ela uma *diferenciação natural*. Na Antiguidade, natural era a hierarquia dos seres, num nível tal que a Idade Média preocupou-se em estabelecer as hierarquias dos anjos e arcanjos, ao passo que nossa “dignidade” pretende homogeneizar a essência dos seres humanos. Em sua *Metafísica*, Aristóteles compara o universo dos corpos celestes e a família humana; os seres sublunares (debaixo da lua, como nós) correspondem aos escravos e aos animais domésticos, ao passo que aos corpos mais afastados é atribuída uma divina e incorruptível igualdade.

Ao integrar o campo moral, a dignidade sofre um “mais ou menos”, conforme o ser em evolução se aproxima mais ou menos de sua perfeição. Isto é claro na *Ética a*

*Nicômaco*: cada ser tem uma função e seu desempenho o situa na escala do mais ou menos da dignidade que o filósofo chamava *perfeição* ou *excelência*. Cada homem, porém, tem sua função própria (sua vocação, diz-se no vocabulário cristão), tornando mais delicadas as comparações.

A natureza determina para cada ser sua finalidade, estruturando assim o dinamismo da ética para a humanidade. Esta determinação variável, decidida pela natureza, evoca o carisma de nossa linguagem. A moral cristã consiste em seguir o rumo do aperfeiçoamento da própria natureza ou do carisma pessoal. Esta excelência corresponde à *virtude* no vocabulário ético, a respeito da qual Aristóteles escreve, em sua *Ética*, que “na ordem da excelência e do perfeito, a virtude é um ápice” (1107 a5). O ser virtuoso é aquele que utiliza corretamente sua natureza para realizar obras valiosas no exercício de sua função, isto é, mediante seu carisma. Obtém-se assim a perfeição pela qual a subjetividade individual coincide com a realização de sua missão.

### ***Secularização da dignidade na sociedade moderna***

A antropologia de uma época depende das concepções cosmológicas da cultura ambiente. A cosmologia antiga é fixista. Com a relativa superação do determinismo cósmico, da imutabilidade de seu ordenamento, reino da necessidade e, portanto, da fatalidade, juntamente com certa descrença a respeito dos deuses, aparecem as idéias de democracia e de perfeitabilidade não apenas do agir mas do

ser. O universo estático e fechado da Antiguidade termina por explodir na concepção de Jean-Jacques Rousseau, que valoriza a fecundidade da liberdade humana. Houve uma revolução na antropologia, e por conseguinte na pedagogia, com novos rumos de pesquisa. Perde-se certa referência cósmica, determinações para o agora e o sempre; nasce um caminho que, passando pelas Luzes, vai permear o mundo moderno, com seu fundo de insubmissão. O centro do universo não é tanto o sistema estelar, isto é, as leis imutáveis atribuídas ao cosmo, mas o ser humano reputado autônomo, ainda que geralmente subordinado a uma divindade que se afastará mais sensivelmente da cultura, ou na cultura, apenas no século 20.

Aos poucos, o homem vai inventar seus fins, não sem impacto sobre sua ética. Sua subjetividade vai crescendo a ponto de em nossa época se maximizar na exaltação da emoção, declaradamente vencedora de antiga razão. Na realidade nem tanto, porque, acoplada a uma constante experimentação que verifica se suas equações se revelam funcionais em nosso contexto real, é a razão criativa que suscita o progresso tecnocientífico destinado a beneficiar a todos; de modo que dois mundos se misturam na atualidade, um mundo que ainda exige rigor no pensar e no agir e um mundo hedonista que se diverte em infindáveis jogos carregados de grande emoção. A religiosidade subsiste, compartilhando um pouco dos dois mundos, para aqueles que a cultivam.

A tecnociência faz recuar as zonas tenebrosas da natureza e do real em geral, que pareciam

## SIMPÓSIO

pertencer ao domínio do mistério sagrado. A dessacralização começou pela natureza e prossegue com a sociedade e o ser humano, com as restrições que conhecemos. As éticas procuram âncoras de substituição, na época em que, após o enfraquecimento institucional das crenças religiosas compartilhadas, a metafísica não faz mais receita. O conceito de dignidade que serviu para fundar a ética, com as premissas cristãs que temos lembrado, sobreviveu até certo ponto na ética secular, por falta de vocábulo de melhor aceitação, embora esvaziado de sua real fundamentação. Declarações dos Direitos do Homem e certas Constituições, como a brasileira de 1988, ainda mencionam a dignidade humana, porque são herdeiras da cultura da antiga Cristandade.

Entretanto, o próprio conceito de *dignidade* está indiretamente posto em cheque de diversas maneiras. Por isso, ainda vemos alguns autores, poucos, contestar que o humanismo seja ainda um conceito válido para nosso tempo. A dignidade enfrenta algumas perguntas que entendem a desafiar. Questionam o ponto de partida da dignidade na evolução do ser humano individual. No seguimento não apenas do australiano Peter Singer, catedrático de ética numa das principais universidades norte-americanas, mas também de zelosas associações anglo-saxônicas, fortifica-se a militância para o reconhecimento de pretendidos direitos dos animais. Lembramos que o conceito de dignidade, sobretudo com e após Kant, está ligado ao conceito de consciência ética e de responsabilidade pessoal. Mais forte do que nunca, no âmbito de uma Nova Era ou não, revela-se a tradição de Espinoza da

transferência ao cosmo de antigas características da divindade. A celebrada universalidade da dignidade humana pouco condiz com certas doutrinas filosófico-religiosas de cunho oriental. O budismo entende celebrar e respeitar toda vida; com o péssimo karma que um malfeitor ganhou na presente existência, ele pode reencarnar como animal ao qual não atribuímos dignidade. Liderados por grupos islâmicos, árabes e outros orientais não escondem sua pouca adesão às Declarações ocidentais de Direitos Humanos, fundamentadas sobre a dignidade da pessoa. O comunismo marxista não promoveu a pessoa, mas o Partido, o grupo de dirigentes que encarnam o sentido da História, por saber onde deve ir a Humanidade. Como conciliar com um remoto sentido da dignidade da pessoa as numerosas facções terroristas que infestam a história contemporânea? Mesmo profundamente erradas, as guerras anteriores pretendiam, de certo modo, lutar para salvaguardar o que se entendia por pessoa civilizada.

A cultura nasceu na submissão amedrontada dos primeiros homens à Natureza, habitada por espíritos que vão fazer, aos poucos, as vezes de divindades. Emergindo dos politeísmos, os monoteísmos, ao situar no ápice da realidade um Deus único e criador, permitiram uma valorização do ser humano que achou sua expressão no termo de “dignidade” que estamos comentando. Na medida em que a história nos é conhecida, quase todas as culturas, a partir de certa época e até a época moderna, foram ou são imbuídas de religiosidade. A separação das Igrejas e dos Estados, na época moderna, é apenas um aspecto ou

uma decorrência da autonomia que as sociedades civis, fortalecidas pelos progressos tecnocientíficos, assumiram. Tratava-se então de permitir um pluralismo religioso exigido pela tolerância democrática, a partir da evidência de que todos os cidadãos não comungavam mais na mesma fé. A tecnologia não mais se justifica como descoberta dos propósitos do Criador embutidos nas leis da natureza, mas como conquista de um aperfeiçoamento norteado pelo voluntarismo criativo da mente humana. Descobrimos leis da natureza para tentar fazer coisas melhores de nosso ponto de vista. Ainda nesta ótica, na bioética, alguns se perguntam sobre o devir da dignidade do ser humano; o que significa respeitá-la, supondo que haja certo consenso sobre seu conteúdo ou exigências?

### ***Comporta a dignidade um “mais ou menos”?***

Na teologia católica, a dignidade do ser humano como pessoa é um absoluto que pouco admite o “mais ou menos”. Não eliminamos totalmente certa gradação porque na disciplina penitenciária dos primeiros séculos cristãos a gravidade do abortamento, e portanto sua sanção, dependiam da idade do feto, o que implica gradação na dignidade.

No Império Romano a *dignitas* é um conceito social antes que religioso. Atribui-se à determinada pessoa em razão de seus méritos, façanhas ou cargos eminentes de autoridade. Existem, assim, graus na dignidade porque o Império, como toda sociedade, era ou é hierarquizado. A angelologia conhece várias hierar-

quias entre anjos e arcanjos, significando maior ou menor dignidade. Existe também um mais ou menos no reconhecimento da dignidade entre responsáveis da Igreja em razão precisamente das hierarquias eclesásticas, falando das sociais, porque a hierarquia definitiva é da santidade que escapa a nossa mensuração. Aos graus de responsabilidade socioética correspondem graus da dignidade social: quem mais recebeu, mais deve.

Muito discutido em nossos dias é o Estatuto da Mulher. No Novo Testamento, Cristo não faz diferença entre homem e mulher, deixando de lado, aqui, a questão da escolha dos apóstolos e suas eventuais decorrências quanto ao sacerdócio da mulher. As cartas de São Paulo difundem uma igualdade de dignidade entre batizados, “para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres” (I Cor 12, 13). “Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre” (Col 3, 11); “não homem nem mulher” (Gal 3, 28).

Não é exatamente assim no judaísmo ortodoxo de nossos dias. Estes judeus recitam ainda, a cada manhã, a oração: “Bendito sejas tu, Eterno, nosso Deus, rei do universo que não me fizeste mulher”. Não é considerada uma honra para a mulher ser dispensada da observação dos 613 mandamentos (*mitsvot*). O adultério é severamente sancionado por parte da mulher casada, não do homem, casado ou não. Os filhos adulterinos da mulher são mamzerim, isto é, ilegítimos que não integram a família; os filhos do marido com mulher não-casada são integrados. O homem tem a iniciativa do divórcio; a mulher que sai sem obter o

## SIMPÓSIO

libelo outorgado pelo marido é *agouna*, não pode mais casar (existem hoje milhares de mulheres com este título de *agouna*, “encadeada”) (P. Bebe, *Isha. Dictionnaire des femmes e du judaïsme*). No mundo árabe e no mundo muçulmano, a situação inferior da mulher, de fato, é mais conhecida.

### As imagens da dignidade

Em todas as culturas, a dignidade, com este nome ou um equivalente, está vinculada não apenas a prerrogativas - que não nos compete aqui detalhar - mas também a um simbolismo de respeitabilidade, como é patente com a autoridade, sua irmã. Tais símbolos expressam valores que alimentam a confiança e ajudam a manter uma paz frequentemente desafiada em nossos dias. Homens e mulheres precisam de ritos, mesmo se espíritos muito críticos os acham supérfluos; na realidade, poucos ateus os dispensam totalmente.

Assim, apenas para sugerir uma ilustração, nas igrejas dos bairros burgueses de muitos países católicos podíamos observar durante as cerimônias litúrgicas os augustos passos de uma espécie de bedel, eventualmente chamado *suíço*, qualquer que seja sua origem. Era um homem alto e forte, de bigode, revestido com um uniforme de antiga guarda da Casa Imperial e que, com um báculo dourado na mão, andava a passos contados nos corredores do santuário. Após alguns passos, deixava seu báculo bater ruidosamente contra o pavimento. Ainda que com fundo de música sacra, tal ruído ressoava no silêncio sem alterar a dignidade desta cena patriarcal.

### Conclusão

O processo da interiorização do conceito de dignidade é tão notável quanto o processo da interiorização do conceito de liberdade. A liberdade que conheceram os antigos gregos, pais da filosofia, era a liberdade cívica: havia cidadãos e escravos. O conceito ético de liberdade, fonte interior de dignidade e de responsabilidade moral, tardou a se exprimir para passar do social à intimidade individual. O mesmo fenômeno verificou-se com a dignidade: sua significação pagã é social, refletindo estruturas hierárquicas na sociedade. Ao valorizar o ser humano, o judeu-cristianismo ajudou a interiorizar o conceito de dignidade, juntamente com o conceito de pessoa, ao qual ele costuma ser unido em nossos dias. Direitos do indivíduo humano como pessoa são virtualmente universais para a humanidade, mas tal conceito não existiu na Antiguidade que elaborou primeiro o conceito de cidadão, após as fases tribais. Este virtual alcance universal da dignidade da pessoa humana sustenta ainda a idéia do universalismo dos “Direitos Humanos”, cujas Declarações sucessivas no Ocidente refletem o avanço de fundamentos comuns para uma ética universal. O paralelismo é incontestável, mas muito se espera ainda.

Num balanço atualizado, o conceito de *dignidade* comporta uma tripla dimensão que emergiu na história e apareceu nestas notas. Mantém-se uma dimensão social que a própria Igreja conhece, tendo uma hierarquia interna: hierarquia de funções dificilmente vela hierarquia de dignidade social. A progressão cultural

da interiorização da consciência, o desenvolvimento psicossocial da consciência do eu, faz com que a dignidade comporte uma *dimensão de auto-estima*; esta reclama comportar uma consciência correspondente dos deveres vinculados ao poder e ao suposto respeito recebido. Enfim, a dignidade adquire na doutrina social cristã uma eminente *dimensão ontológica*, explicitada na ética que proíbe todo aborto. A

judia Ida Grinspan veio a contar sua deportação da França, em 1944, para Auschwitz, aos 14 anos, tatuada com a matrícula 75360 no braço: ilustra a força que pode gerar a autoconsciência responsável da dignidade (*J'ai pas pleuré*, livro de 2002). Como resistiu à fome, ao frio, ao aviltamento, às vexações impostas pelos nazistas? Ida responde: "Guardar a dignidade a qualquer preço".

## RESUMEN

---

### Dignidad de la persona en el desvendar cultural

En el Cristianismo, la dignidad de la persona humana tiene raíces dogmáticas conocidas: el ser humano fue creado por Dios a su imagen y está destinado a compartir la divinidad, mediante la redención efectuada por el Verbo Encarnado. Bajo este contexto religioso el concepto de dignidad está eminentemente ligado al concepto de persona, teológicamente elaborado por ocasión de las discusiones en torno del dogma de la Trinidad, en los primeros siglos de nuestra era; este artículo supone esto conocido.

*Unitérminos: dignidad, persona humana, cultura*

## ABSTRACT

---

### Individual dignity in cultural unraveling

In Christianity, the human person's dignity has dogmatic roots the reader is aware of: God created human beings in His image and they are destined to share divinity, through redemption brought by the Incarnated Verb. In this religious context, the concept of dignity is eminently linked to the concept of the individual, elaborated theologically in the discussions regarding the dogma of the Trinity that occurred in the first centuries of our era; this article presupposes this is known.

*Uniterms: dignity, human person, culture*